

A RENDIÇÃO DO ELEITOR DA SAXÓNIA PERANTE CARLOS V

LUCA GIORDANO

20 SETEMBRO 2018 – 13 JANEIRO 2019

NASCIDO EM NÁPOLES, em 1634, filho do pintor António Giordano, Luca Giordano revelou um talento muito precoce e veio a tornar-se num dos mais produtivos e reconhecidos pintores europeus do século XVII. A importância da cidade como centro artístico consolidou-se na primeira metade de Seiscentos com a estadia de Caravaggio, o estabelecimento de Ribera e a fixação de pintores como Massimo Stanzione, Bernardo Cavalino, Francazani ou, já em meados do século, Mattia Preti, que responderam às grandes empreitadas da igreja contrarreformista, sob o patrocínio da nobreza ligada ao vice-reinado espanhol. A presença destes artistas em Nápoles e o estabelecimento paralelo de importantes *marchands* de arte, com ligações aos principais colecionadores, tornaram os pintores napolitanos conhecidos e apreciados por toda Europa.

Luca Giordano cresceu artisticamente neste ambiente de reconhecimento e eferescência artística da cidade e beneficiou dele fortemente, sobretudo quando, virada a primeira metade do século, com a morte de Ribera, em 1652, e a saída da cidade de alguns dos principais pintores em fuga à peste de 1656, Luca se tornou, indiscutivelmente, a figura central da vida artística de Nápoles. A braços com revoltas em Portugal e na Catalunha, a monarquia espanhola olhou com renovado interesse para o território napolitano. Vice-reis como o VII Marquês de Carpio, Gaspar de Haro y Guzmán, ou o IX Conde de Santistebán, Francisco de Benavides, lançaram reformas na administração e promoveram um conjunto de obras públicas de relevo para a afirmação da monarquia espanhola. Eram, igualmente, aficcionados conhecedores de pintura e entusiásticos colecionadores, e ambos patrocinaram e apoiaram fortemente Luca Giordano. A fama deste aumentava também com a grande moda pelo estilo «à Ribera», que se implementou no gosto europeu na década central do século XVII e que Giordano era capaz de assimilar como ninguém, como se pode ver pelo magnífico *Êxtase de São Francisco*, das coleções do Museu Nacional de Arte Antiga, e crescia com a sua lendária facilidade de trabalho e rapidez de execução, que lhe valeu o cognome



de «Fa Presto» (faz depressa). Numa relação biográfica da sua vida, que ditou em 1681, ainda antes de completar 50 anos, calculava que, para além de inúmeras empreitadas de frescos, tinha já vendido mais 5 mil quadros, não só por Itália, mas por toda a Europa. A sua presença nas coleções espanholas é documentada constantemente desde a década de 1660, e foi crescendo com a admiração do rei Carlos II, que em 1692 finalmente o tornaria no seu pintor de câmara. Quando o vice-rei Marquês de Carpio morreu, em 1687, estava em curso uma encomenda régia a Luca Giordano de 122 pinturas, pagas a 100 ducados cada, das quais faltavam ainda fazer 64.

Giordano sabia corresponder ao apreço do rei com obras como *A Cidade de Messina retornando a Espanha*, que demonstravam uma enorme capacidade narrativa e alegórica para a exaltação política do soberano e do império espanhol. Mas o convite para vir para Espanha foi motivado pela necessidade que a corte espanhola tinha de um grande pintor de frescos, que havia tentado colmatar com a segunda viagem de Velázquez a Itália. Giordano era um famoso pintor de frescos e tinha feito grandes séries de pinturas em abóbadas de palácios e igrejas napolitanas ao longo da década de 1680. Fora de Nápoles, trabalhara na Basílica de Santa Maria della Salute, em Veneza, e na grande abóbada do Palazzo Medici-Riccardi, em Florença, levando o grão-duque da Toscana

A Rendição do Eleitor da Saxónia perante Carlos V

Luca Giordano

(Nápoles, 1634-1705)

c. 1700

Óleo sobre tela
Património Nacional
Residência do Embaixador de Espanha em Lisboa.



A Rendição do Rei Francisco I na Batalha de Pavia

Luca Giordano
c. 1700
Óleo sobre tela
Património Nacional
Palácio Real de El Pardo.

a considerá-lo «um pintor maravilhoso, feito por Deus para satisfazer os príncipes».

Luca Giordano entrou em Espanha em março de 1692 e dedicou-se de imediato à pintura da grande abóbada da escadaria do Escorial, uma obra em que se empenhou, pelo menos, tanto quanto Carlos II, que visitou várias vezes o estaleiro e exigiu ao prior do convento circunstanciados relatórios semanais da sua execução. Giordano acabou por fazer desta sua apresentação à corte espanhola a sua obra-prima em grandes composições de tetos, com uma alegoria central complicada, em que os monarcas Habsburgo entregam à divindade os símbolos do seu poder sob o olhar da família de Carlos II. Abaixo da abóbada, Giordano pintou nas paredes episódios da Batalha de San-Quentin, em 1557, triunfo dos espanhóis sobre os franceses nas guerras de Itália, de cujo voto congratulatório viria a nascer o grande convento escorialense. Nos dez anos que passou em Espanha, Giordano pintou, para além de muitas dezenas de obras, também os tetos da basílica do Escorial, a abóbada do *Casón* do Bom Retiro, a sacristia da Catedral de Toledo, o estúdio de Carlos II no Palácio de Aranjuez, as decorações parietais de Santo António dos Portugueses, para além das desaparecidas pinturas da Igreja da Atocha e do Palácio do Alcázar.

O grande teto do *Casón* do Bom Retiro (1696-7) é igualmente uma complicada alegoria política de apoteose da monarquia dos Habsburgo, com a figura central de Filipe II recebendo de Hércules o velo de ouro para o colocar nas armas de Espanha, enquanto uma série de figuras alegóricas mostra o poder dos espanhóis sobre várias partes do mundo. Na antecâmara do grande salão, existiram frescos com batalhas de Fernando, o *Católico*, hoje desaparecidas, mas das quais se

conhecem versões em tela e não é improvável que se relacionasse também com o edifício o ciclo de vitórias de Carlos V, em que se enquadra a pintura agora apresentada. Duas pinturas desse grupo perderam-se no incêndio da Embaixada de Espanha em Lisboa, em 1975, pelo que, além da obra agora exposta, só resta do conjunto uma *Rendição de Francisco I* (Palácio Real de El Pardo, inv. 10073452). O *Casón* tinha importantes funções diplomáticas, «las más régias, de embajadas, y otras semejantes» (Palomino) e as pinturas de Giordano cumpriam aí o seu papel. É impossível não estabelecer uma relação entre estes ciclos de vitórias de Fernando I e Carlos V, pintados por Giordano, e a famosa série de vitórias que Velázquez, Zurbarán, Carducho e outros haviam pintado para o Salón de los Reinos, de Filipe IV, no mesmo Palácio do Bom Retiro. Giordano tinha uma aguda consciência da importância dos modelos e usava frequentemente citações de pinturas importantes de mestres consagrados. No par desta pintura, o modelo de Carlos V assistindo à rendição de Francisco I é decalcado do célebre retrato equestre que Ticiano fez do imperador. Curiosamente, Ticiano pintou essa obra em comemoração da vitória na Batalha de Mühlberg (1547), nas guerras contra a liga Esmalcalda que reunia os príncipes alemães insubmissos ao imperador — precisamente o tema que vemos nesta Obra Convidada. É possível reconhecermos nos três cavaleiros, Carlos V, à esquerda, de armadura dourada e colar do Tosão de Ouro, e, à direita, o Duque de Alba, D. Fernando Álvarez, o comandante das tropas imperiais vitoriosas, apresentando o vencido eleitor da Saxónia, João Frederico. Giordano manteve a gravidade da cena, de acordo com a tradição das outras pinturas do Salón de los Reynos, e centrou os personagens principais entre um primeiríssimo plano, das meias figuras de militares, e o agitado fundo onde permanece a memória do fragor do combate. A técnica impetuosa torna evidente a economia de recursos, construindo as figuras a partir da preparação acastanhada da tela, que usa como base para os tons mais escuros, cobrindo de cores as zonas dos meios-tons em pinceladas rápidas e marcadas, e acentuando com empastes brancos as áreas de maior intensidade luminosa. Se esta prática lhe proporcionava a sua proverbial rapidez de execução, é evidente que apenas era possível a um artista de grandes recursos, capaz de uma pincelada livre e precisa.

APOIOS:

